



Lucros dos bancos nacionais têm 15% de contribuição angolana

Bancos estrangeiros em Angola são mais produtivos e rentáveis.

“A produtividade dos bancos estrangeiros em Angola é 26% maior do que a dos bancos nacionais” afirmou João Fonseca, representante da Associação de Bancos Angolana, a ABANC, durante uma intervenção no II Fórum Banca, que se realizou em Luanda, subordinada ao tema “Os bancos angolanos no estrangeiro e os bancos estrangeiros em Angola”. Durante a sua intervenção, também mostrou que, em 2011, “os resultados da participação dos bancos portugueses em Angola corresponderam a 60% do total dos resultados da actividade internacional e contribuíram em 14,7% para a redução do prejuízo consolidado”. Os bancos com participações portuguesas em Angola têm, aliás, contribuído, nos últimos anos, com cerca de 15% dos lucros das casas-mãe em Portugal.

João Fonseca começou por situar, historicamente, no ano de 1993 a constituição dos primeiros bancos portugueses em Angola, designadamente o BFA, dominado pelo BPI, o BCGTA, controlado pelo Santander e pela Caixa Geral de Depósitos, e o BMA, do BCP.

Mostrou depois que apesar de não ter sido o primeiro a ser fundado, o BES Angola foi o banco de capital português que primeiro começou a operar, em 2001. O BFA e o BCGTA só iniciaram a actividade em 2002. Depois veio, em 2006, o BMA e em 2007 o Fi-

nbanco Angola. O ano de 2007 foi também aquele que assistiu à entrada em funcionamento do VTB África, um banco de origem russa. Mais tarde, em 2010, surgiu o Standard Bank Angola, dominado pela casa-mãe da África do Sul, e em 2011 o BPD – Banco para a Promoção e Desenvolvimento, cujo capital é partilhado a 50% pela Caixa Geral de Depósitos e pela Sonangol.

O representante da ABANC enumerou então os 23 bancos existentes em Angola no final de 2011, dos quais sete são filiais de bancos estrangeiros, 12 são bancos privados angolanos, um é misto – o BPD – e três são públicos. Também fez questão de sublinhar que “os cinco maiores bancos em Angola representam quase 80% do total de activos”. E ao explicar a maior produtividade dos bancos estrangeiros, referiu que a eficiência é superior em cerca de 22% no ‘cost-to-income’ e nos custos operacionais sobre o activo médio. João Fonseca também referiu os bancos nacionais têm maior rede de balcões e que existe uma correlação directa entre os custos operacionais mais elevados e a abertura de balcões, acrescentando que “quanto mais remoto for o balcão, maiores são os custos”.

No estudo que teve oportunidade de apresentar, João Fonseca mostrou que os bancos nacionais angolanos têm uma quota de mercado da ordem dos 70% nos depósitos, embora essa quo-

ta desça ligeiramente no crédito, porque as instituições de crédito estrangeiras estão a financiar-se no exterior e a passar esse dinheiro para o mercado de crédito, enquanto os bancos angolanos estão mais dependentes dos depósitos dos clientes. Além disso, referiu, “o crédito vencido dos bancos estrangeiros é menor do que o dos angolanos, implicando, por isso, um menor nível de provisões”. O representante da ABANC ainda salientou que, no período em análise – entre 2004 e 2010 – “o rácio de crédito vencido sobre o total de crédito, não só é relativamente estável como revelou-se, no mínimo, duas vezes inferior ao dos bancos nacionais”. De um modo geral, afirmou que a rentabilidade dos bancos estrangeiros é maior do que a dos bancos nacionais por força de “uma maior eficiência e maior produtividade”, mas também por terem “menos provisões para crédito e um maior grau de alavancagem”. ■



João Fonseca
Associação Angolana
de Bancos

“Existiam 23 bancos em Angola no final de 2011. Os cinco maiores representavam quase 80% do total de activos.”